

A pneumatologia do papa Francisco: simbologia, movimento e práxis

*The Pneumatology of Pope Francis:
symbology, movement and praxis*

Pedro I. Leite

Resumo

O presente artigo se propõe a celebrar os dez anos do pontificado de Francisco, analisando a dimensão pneumatológica de seu magistério. Entendemos, entretanto, que o papa não desenvolve uma teologia sistematizada da terceira Pessoa da Trindade, o que não significa um esquecimento do Espírito. Antes, o evento Francisco (falas, gestos, testemunho) é marcadamente profundo de uma espiritualidade que lemos em três chaves hermenêuticas, a saber: a simbólica, tendo em vista o uso frequente de metáforas, das quais destacamos a de *memória* e a de *harmonia* para identificar a ação do Espírito na história; o movimento, como o exercício de reforma sinodal em perspectiva missionária, dando destaque para a escuta do Espírito como ponto de partida para o deslocamento da autorreferencialidade para a referencialidade cristológica no interior da Igreja e, por fim, praxica, no sentido de compreender e propor ao mundo e à própria Igreja uma espiritualidade encarnada, que surge do embaixo da história e que dê conta da comunhão sinérgica e sinodal com todos.

Palavras-chave: Pneumatologia. Francisco. Simbologia. Movimento. Práxis.

Abstract

This article aims to celebrate ten years of Francis' pontificate by analyzing the pneumatological dimension of his magisterium. We understand, however, that the Pope does not develop a systematized theology of the third Person of the Trinity, which does not mean that he has forgotten the Spirit. Rather, Francis' event (speech, gestures, witness) is markedly profound of a spirituality that we

read in three hermeneutical keys, namely: the symbolic, in view of the frequent use of metaphors, of which we highlight that of memory and that of harmony to identify the action of the Spirit in history; the movement, as the exercise of synodal reform in a missionary perspective, giving emphasis to listening to the Spirit as the starting point for the displacement from self-referentiality to Christological referentiality within the Church; and finally, the praxis, in the sense of understanding and proposing to the world and to the Church itself an incarnate spirituality, which arises from the underbelly of history and which accounts for synergistic and synodal communion with all.

Keywords: Pneumatology. Francis. Symbology. Movement. Praxis.

Introdução

As falas, os gestos e o testemunho pessoal do papa jesuíta que surgiu do “fim do mundo” constituem um evento especial que, se lido de maneira ampla, nos fará perceber a sua participação dentro de um projeto maior de renovação e reestruturação eclesial que tem o seu início com o Concílio Vaticano II. Dito de outro modo, o evento conciliar é o ponto de partida para a grande reforma eclesial desejada pelo Espírito, assumida primeiramente por aqueles corajosos padres que em Santa Domitila selaram o pacto das catacumbas ¹; pelos nossos conterrâneos que desde o CELAM cuidaram de interpretar e responder criativamente ao espírito e a letra do Concílio com as grandes Assembleias de Medellín a Aparecida ² e, por fim, com o projeto missionário-sinodal de Francisco que, nessa mesma linha de interpretação, constitui um marco de continuidade dos eventos precedentes ³.

Esse movimento de Francisco, embora não revestido dos liames da teologia tradicional (linguagem/métodos/sistematização), não deixa de ser *teológico*. Nesse sentido é que Piero Coda afirma: “A teologia do Papa Francisco é eclesial e, conjuntamente, existencial, espiritual, querigmática, mística e, ainda, social. Uma síntese original e personalíssima, que libera uma grande atração e

¹ OLIVEIRA, P. R. F.; LIMA, D. N. *O Papa Francisco na agenda do Concílio Vaticano II*, p. 584.

² AQUINO JÚNIOR, F. *A Igreja de Jesus*, p. 23.

³ “Não seria exagerado afirmar que Francisco realiza uma *síntese peculiar* das intuições e orientações teológico-pastorais do Concílio Vaticano II e da Igreja latino-americana. *Síntese*, porque se trata, na verdade, de retomada e atualização das intuições e orientações fundamentais do Concílio e da caminhada eclesial latino-americana; não é algo absolutamente novo. *Peculiar*, pelo modo próprio de retomada e atualização, fruto, em boa medida, de sua experiência pastoral, que se materializa em gestos, acentos, linguagem, falas e documentos, preocupações e prioridades pastorais etc” (AQUINO JÚNIOR, F. *A Igreja de Jesus*, p. 23).

incisividade, como mostram a alegria e a eficácia que irradia”⁴. Para além, é importante destacar, como pontua Victor Codina, que o santo padre assume aquela *cathedra pastoralis* da qual falava Santo Tomás. Ele distinguia esta de outra, chamada *cathedra magisterialis*, mais afeita ao ensino acadêmico e profissional da Teologia⁵. Em síntese, ambas podem ou não se encontrar (como o caso de muitos padres dos primeiros séculos, de João Paulo II, Bento XVI...). Uma possui uma linguagem mais culta e teórica, outra mais popular e inserida; uma pode ser mais dedutiva, partindo da ideia até se chegar à realidade, outra, ao contrário, mais indutiva, partindo da realidade até chegar à ideia. De toda forma, fica nítido que a intenção do papa não é desenvolver temas teológicos ou filosóficos, como fizeram seus predecessores, mas traduzir as temáticas do arcabouço teológico em linguagem inclusiva e cheia de imagens para a inteireza do povo de Deus.

Dentro desse universo, fazemos um recorte para analisar as representações e ideias do papa acerca da terceira Pessoa da Santíssima Trindade. De antemão, é sabido que não haverá um tratado sobre a Pneumatologia⁶. Também não é esse nosso interesse. Antes, buscamos neste artigo mergulhar nas entrelinhas das palavras e gestos de Francisco que constituem, por si só, uma espécie de tratado-prático ou de uma teologia místico-existencial, performativa e dialógica. Dessa feita, nosso caminho didático constará de três momentos, a saber: em primeiro lugar, analisaremos algumas imagens sobre o Espírito ressaltadas pelo papa argentino; em seguida, faremos destaque ao Espírito como fundamento do movimento/reforma missionária-sinodal em curso e, por fim, à guisa de conclusão exporemos a relação espiritualidade-prática e suas implicações programáticas para a Igreja e a sociedade como um todo.

1. A simbólica do Espírito: algumas imagens

Partimos basicamente das homilias feitas na Solenidade de Pentecostes no período de nove anos (2013-2022) e de alguns retratos pneumáticos presentes em documentos do magistério de Francisco. Para tanto, organizamos as imagens em dois grupos didáticos: o Espírito como *memória* e como *harmonia*.

1.1. O Espírito como memória (de Deus e da Igreja).

Falar de Deus é sempre uma tentativa que se dá a partir de uma antropologia ou de uma linguagem humana através da qual o próprio Deus se revela (DV 2).

⁴ CODA, P. A Igreja é o Evangelho, p. 15.

⁵ CODINA, V. Espírito Santo, p. 7.

⁶ Alerta-nos Codina: “Não encontraremos no magistério de Francisco uma Pneumatologia bíblica, patrística e sistemática (...). Francisco não se dedica a expor a história e a evolução do dogma (...)” (CODINA, V. Espírito Santo, p. 8).

De igual modo, a teologia é um exercício humano de tentar se aproximar desse Deus-que-se-deixa-revelar. Santo Agostinho, por exemplo, descreve a Trindade através de muitas tríades que estão no imaginário dos homens e mulheres. Em uma delas, parte da compreensão de alma: assim como ela é constituída de memória, inteligência e vontade que não se sobrepõem, mas se interpenetram, também Deus é uno (simbólica da alma) e trino (simbólica da memória, inteligência e vontade). Nesse sentido, para ele, o Espírito seria a vontade ou o amor (ou ainda a dileção), enquanto o Filho a inteligência e o Pai a dimensão de memória. Assim explica a relação memória-Pai: “existe, porém, uma profundidade mais incompreensível em nossa memória, na qual encontramos a verdade. Isso quando ao pensar deparamos a primeira realidade, na qual é gerado o verbo interior”⁷.

Ora, a vontade (ou o amor/dileção) é imanente à alma assim como lhe é a inteligência e assim como o Espírito é, também, “imanente” a Deus em *circuminessio*. Continua Agostinho: “assim como há no interior uma inteligência, há também um amor imanente na memória que é o princípio no qual descobrimos presente, mas de modo oculto, o que podemos alcançar pelo ato do pensamento”. E mais ainda: “Se a dileção não tivesse o conhecimento do que apetece – conhecimento que não poderia existir sem a memória e sem a inteligência – ela ignoraria o que amar retamente”⁸.

O papa Francisco se fundamenta, entretanto, numa imagem bíblica que associa o Espírito à questão mesma da recordação ou da memória, como tal. É o princípio joanino que diz: “Mas o advogado, o Espírito Santo, que o Pai vai enviar em meu nome, ele ensinará a vocês todas as coisas e vai trazer à sua lembrança tudo o que eu lhes disse” (Jo 14, 26 [grifo nosso]). Na homilia da solenidade de Pentecostes de 2014, Francisco disse: “O Espírito Santo *recorda-nos*, recorda-nos tudo aquilo que Jesus disse. É a memória viva da Igreja. E enquanto nos faz recordar, leva-nos também a compreender as palavras do Senhor”⁹. Em 2020, na mesma solenidade, acrescentou: “O Espírito, *memória viva da Igreja*, lembra-nos que nascemos de um dom e crescemos doando-nos; não poupando-nos, mas dando-nos”¹⁰. No Pentecostes de 2022, retoma essa imagem: “[o Espírito] é a *memória de Deus*, é Aquele que nos recorda todas as palavras de Jesus (Jo 14, 26). E o Espírito Santo é uma memória *ativa*, que acende e reacende no coração a amizade a Deus”¹¹. O Espírito é, portanto, aquele que procedendo do Pai e do Filho, constitui *para a Igreja* a memória (ὕπομνήσει = aquele que traz à lembrança) divina.

Ora, no presente contexto histórico e eclesial vemos uma tensão grave entre

⁷ AGOSTINHO, S. A Trindade, p. 538.

⁸ AGOSTINHO, S. A Trindade, p. 538-539.

⁹ FRANCISCO, Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2014.

¹⁰ FRANCISCO, Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2020.

¹¹ FRANCISCO, Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2022.

o aspecto da *anamnese* e da *amnsésia*. De um lado, prescinde-se da história como se essa não fundamentasse o presente (a ideia de que a história começa agora). De outro lado, busca-se uma seleção de fatos pretéritos que justifiquem práticas atuais (sobretudo se ligadas ao poder e ao prestígio eclesiais e clericais). Vale salientar que a estrutura litúrgica do culto católico é formada basicamente por um caráter *anamnético* – de narração da ação de Deus na história.

Lendo teologicamente essa problemática, sobretudo olhando para a cristologia e a eclesiologia, temos traçados os grandes problemas e conflitos na contemporaneidade, quer sejam de doutrinas ou de hermenêuticas acerca da Tradição e do Magistério. Cristo, desvinculado de uma memória histórica, torna-se uma personagem etérea feita à imagem dos controladores da graça do tempo presente. A Igreja, com miopia histórica, encontra sua razão de ser em eventos selecionados num passado onde o esquecimento do Espírito era voluntário e militante.

Desta feita é que o Espírito – segundo a linguagem do papa Francisco – pode ser entendido como memória de Deus na economia salvífica e, portanto, em relação a nós. Ou seja, a ação do Espírito em nós é fazer com que não morra a Palavra de Deus que fora plantada em nosso coração. Isso é possível, inclusive, através da vivacidade das comunidades eclesiais que se reúnem para ouvir e celebrar a *anamnese* do que aconteceu com o Senhor. Por isso o Espírito é também memória da Igreja (no sentido de que lembra à própria Igreja sua identidade e vocação).

Porque fizemos aquela primeira relação entre memória e alma (à luz da teologia de Agostinho), vale retomar a homilia de Pentecostes de 2018, na qual Francisco cita a famosa frase da patrística de que o Espírito é a alma da Igreja¹². Por mais complexa que essa afirmação possa parecer¹³, o papa discorre sobre o conteúdo específico daquilo que o Espírito lembra à Igreja (e, portanto, lembra a nós): “O Espírito lembra à Igreja que, não obstante os seus séculos de história, é sempre uma jovem de vinte anos, a Noiva jovem por quem está perdidamente apaixonado o Senhor”¹⁴. O Espírito como memória *da* Igreja, age sendo a memória *de* Deus para a Igreja.

No campo oposto, o fechamento ao Espírito provoca exatamente a perda de memória. Diz Francisco que, “para além de falta de liberdade, o fechamento ao Espírito Santo é também pecado. Há muitas maneiras de fechar-se ao Espírito Santo” e cita expressamente a “falta de memória daquilo que Jesus ensinou”¹⁵. O

¹² Sobre as referências patrísticas e sobre a argumentação no entorno dessa imagem, ver: COMBLIN, 1987, p. 110-111. Também Piero Coda lembra que Francisco além de Agostinho, bebe em outras fontes da Tradição como Tomás, Basílio Magno, São Boaventura e, mais perto de nós, Romano Guardini (veja-se o capítulo II intitulado: *Fidelidade criativa: A tradição teológica, o Vaticano II, a releitura do Evangelho no hoje*, em: CODA, P. A Igreja é o Evangelho, p. 31-54).

¹³ Veja-se toda a argumentação de Comblin na mesma citação da nota 12;

¹⁴ FRANCISCO, Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2018.

¹⁵ FRANCISCO, Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2016.

conceito de memória tem um significado importante também nas indicações espirituais de santo Inácio de Loyola, fundador dos jesuítas. Em *Gaudete et exsultate*, o papa sintetiza tal ideia do seguinte modo:

A oração, precisamente porque se alimenta do dom de Deus que se derrama na nossa vida, deveria ser sempre rica de memória. A memória das obras de Deus está na base da experiência da aliança entre Deus e o seu povo. Se Deus quis entrar na história, a oração é tecida de recordações: não só da recordação da Palavra revelada, mas também da vida própria, da vida dos outros, do que o Senhor fez na sua Igreja. É a memória agradecida de que fala o próprio Santo Inácio de Loyola, na sua “Contemplação para alcançar o amor”, quando nos pede para trazer à memória todos os benefícios que recebemos do Senhor. Contempla a tua história quando rezas e, nela, encontrarás tanta misericórdia. Ao mesmo tempo, isto alimentará a tua consciência com a certeza de que o Senhor te conserva na sua memória e nunca te esquece ¹⁶.

1.2 – O Espírito como *harmonia* entre a unidade e a diversidade.

Para além de *memória*, a imagem do Espírito como *harmonia* é bastante contundente em Francisco, porque evoca um cabedal de outros conceitos que são fundamentais para a compreensão de seu pensamento. Em 2019, na homilia do Pentecostes ele disse: “o Espírito trouxe para a vida dos discípulos uma harmonia que faltava: a Sua, porque Ele é *harmonia*” ¹⁷. De um lado, o Espírito possibilita a harmonia interna no ser humano. De outro, a harmonia entre os homens e suas diferenças ¹⁸. Em 2020 volta a esse tema: “No Pentecostes, os Apóstolos compreendem a força unificadora do Espírito (...) que tece a unidade com as nossas diferenças, que dá harmonia porque, no Espírito, há harmonia. Ele é a harmonia” ¹⁹.

A *harmonia* está muito vinculada à questão da diversidade. Em primeiro lugar, Francisco fala em diversidade cultural. Em *Evangelii Gaudium* diz que tal diversidade não atrapalha a unidade da Igreja:

O Espírito Santo constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus. Ele mesmo é a harmonia, tal como é o vínculo de amor entre o Pai e o Filho. É Ele que suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade, mas multiforme harmonia que atrai. A evangelização reconhece com alegria estas múltiplas riquezas que o Espírito gera na Igreja. Não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico ²⁰.

¹⁶ GE 153.

¹⁷ FRANCISCO, Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2019.

¹⁸ FRANCISCO, Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2019.

¹⁹ FRANCISCO, Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2020.

²⁰ EG 117.

Depois aponta que a própria Igreja Universal é feita de uma *harmonia* entre a diversidade e a unidade, que é “unidade na diferença”²¹. Para tanto, segundo o pontífice, faz-necessário romper duas tentações que estão aí imbricadas: a primeira é a de pensar uma *diversidade sem unidade*. Quando isso acontece, “escolhe-se a parte, não o todo, (...); tornam-se ‘adeptos’ em vez de irmãos e irmãs no mesmo Espírito; cristãos ‘de direita ou de esquerda’ antes de o ser de Jesus; inflexíveis guardiães do passado ou vanguardistas do futuro em vez de filhos humildes e agradecidos da Igreja”²².

A segunda tentação é pensar a *unidade sem a diversidade*. Nesse caso, relativizando as multiplicidades, o valor unitário “torna-se uniformidade, obrigação de fazer tudo juntos e tudo igual, de pensar todos sempre do mesmo modo. Assim, a unidade acaba por ser homologação, e já não há liberdade”. Contra essas duas tentações Francisco apresenta alguns antídotos. O primeiro, na *Evangelii Gaudium*, é a convicção de que o todo é maior do que as partes: “O todo é mais do que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas. Portanto, não se deve viver demasiado obcecado por questões limitadas e particulares. É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós”²³. O segundo, em *Laudato si'*, afirma repetidamente que tudo está interligado: desde o planeta e suas questões mais ínfimas até às partículas físico-químicas que compõem o ser humano: “Nunca é demais insistir que tudo está interligado. O tempo e o espaço não são independentes entre si; nem os próprios átomos ou as partículas subatômicas se podem considerar separadamente”²⁴.

Um desdobramento daquela *unidade na diferença* que marca a Igreja Universal é a capacidade de harmonia entre os diversos carismas que só são autênticos na medida em que se põem à serviço da comunidade eclesial, integrando-se harmoniosamente na vida do povo de Deus. Mais que isso: “É na comunhão, mesmo que seja fadigosa, que um carisma se revela autêntica e misteriosamente fecundo. Se vive este desafio, a Igreja pode ser um modelo para a paz no mundo”²⁵. Conclui, então:

As diferenças entre as pessoas e as comunidades por vezes são incômodas, mas o Espírito Santo, que suscita esta diversidade, de tudo pode tirar algo de bom e transformá-lo em dinamismo evangelizador que atua por atração. A diversidade deve ser sempre conciliada com a ajuda do Espírito Santo; só Ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade. Ao invés, quando somos nós que pretendemos a diversidade e nos fechamos em

²¹ FRANCISCO, Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2017.

²² FRANCISCO, Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2017.

²³ EG 235.

²⁴ LS 138.

²⁵ EG 130.

nossos particularismos, em nossos exclusivismos, provocamos a divisão; e, por outro lado, quando somos nós que queremos construir a unidade com os nossos planos humanos, acabamos por impor a uniformidade, a homologação. Isto não ajuda a missão da Igreja ²⁶.

Em síntese, imagem dessa harmonia entre a multiplicidade de diferenças tanto para a cultura em geral, quanto para a Igreja em particular é o *poliedro*. A partir desse elemento geométrico o papa consegue pontuar com objetividade seu raciocínio:

Aqui o modelo não é a esfera, pois não é superior às partes e, nela, cada ponto é equidistante do centro, não havendo diferenças entre um ponto e o outro. O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade. Tanto a ação pastoral como a ação política procuram reunir nesse poliedro o melhor de cada um. Ali entram os pobres com a sua cultura, os seus projetos e as suas próprias potencialidades. Até mesmo as pessoas que possam ser criticadas pelos seus erros, têm algo a oferecer que não se deve perder. É a união dos povos, que, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas numa sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos ²⁷.

Tanto a temática da *memória* quanto a da *harmonia* expressam com profundidade dimensões do Espírito de Deus. Entendendo e levando em conta seus significados, assim como outras imagens não abordadas suficientemente por nós, é possível compreender aspectos que não são aleatórios no magistério de Francisco mas constituem um *modo-de-fazer* teológico próprio. Um exemplo é a agenda sócio-missionária da inclusão das periferias e sua justificação com a citada imagem do *poliedro*. Em *Fratelli tutti*, diz: “O poliedro representa uma sociedade onde as diferenças convivem integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente”. E acrescenta, a seguir: “Na realidade, de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isto implica incluir as periferias. Quem vive nelas tem outro ponto de vista, vê aspectos da realidade que não se descobrem a partir dos centros de poder onde se tomam as decisões mais determinantes” ²⁸.

2. O Espírito como fundamento do movimento/reforma missionária-sinodal

As leituras e comentários de teólogos e pastores acerca do magistério de Francisco parecem ir por diversos campos epistêmicos. Contudo, percebemos que

²⁶ EG 131.

²⁷ EG 236.

²⁸ FT 215.

praticamente não se vai à fonte da questão que é identificar a Pneumatologia como ponto de partida para a grande reforma missionária-sinodal em curso na Igreja. Aquino Jr. compreendeu esse impulso pneumatológico e o expressou de maneira ainda discreta. Comentando o discurso de Francisco por ocasião dos 50 anos da instituição do Sínodo dos bispos, diz: “(o papa Francisco) recorda com o Concílio que o fundamento desse ‘caminhar juntos’ é a ‘unção’ do Espírito e o ‘senso sobrenatural da fé’ que ela concede a todos os batizados”²⁹. Porém, é Mário de França Miranda quem pontua com rigor e objetividade: “Toda reforma autêntica nasce da ação do Espírito Santo, fator de renovação na Igreja, que nos obriga a sair da zona de conforto e segurança para trilhar novos caminhos que o momento histórico exige”³⁰. E ainda: “Um fator importantíssimo para podermos entender as transformações em curso na Igreja é o *Espírito Santo*”³¹. A fidelidade ao Espírito, continua França Miranda, “exige que a Igreja se desinstale de hábitos e estruturas familiares e que corra o risco de repensar objetivos, estruturas e linguagens exigidas para uma eficaz evangelização na atual sociedade”³².

A Comissão Teológica Internacional no documento *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, escrito para aprofundar o significado teológico destes conceitos³³, ousa ainda mais e, ao destacar os fundamentos de uma Igreja-sinodal, aponta:

A ação do Espírito na comunhão do Corpo de Cristo e no caminho missionário do povo de Deus é o princípio da sinodalidade. Ele, de fato, sendo o *nexus amoris* na vida de Deus Trindade, comunica este mesmo amor à Igreja, que se edifica como *κοινωνία τοῦ ἁγίου πνεύματος* (2Cor 13,13). O dom do Espírito Santo, único e mesmo em todos os batizados, manifesta-se de muitas formas: a igual dignidade dos batizados, a vocação universal à santidade; a participação de todos os fiéis no ofício sacerdotal, profético e régio de Jesus Cristo; a riqueza dos dons hierárquicos e carismáticos; a vida e a missão de cada Igreja local³⁴.

A partir desse fundamento pneumatológico, que começa a ser percebido teologicamente, entendemos que a reforma missionária-sinodal proposta por Francisco se desenha pedagogicamente em um movimento com dois momentos: de um lado, se dá na escuta do Espírito e, de outro, na referência missionária a Cristo que se revela nos pobres.

2.1. A reforma missionária-sinodal tem início com a escuta do Espírito.

²⁹ AQUINO JÚNIOR, F. A Igreja de Jesus, p. 84.

³⁰ MIRANDA, M. F. Igreja Sinodal, p. 46.

³¹ MIRANDA, M. F. A Igreja em transformação, p. 93.

³² MIRANDA, M. F. A Igreja em transformação, p. 97.

³³ CTI, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 10.

³⁴ CTI, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 46.

O papa inicia o discurso pelos cinquenta anos do Sínodo dos bispos dizendo que o caminho da sinodalidade é o que Deus espera para a Igreja do terceiro milênio. E lembra ainda que todos os batizados, em virtude da unção recebida, são infalíveis em questão de fé – mesmo que por vezes não tenham meios suficientes para se expressarem. Tal dinâmica é o que justifica a ampla consulta que o Vaticano faz às várias instâncias da Igreja, pois: “Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar ‘é mais do que ouvir’. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo”³⁵.

Quando Francisco pontua que o dinamismo da Igreja sinodal começa por haver escuta recíproca e, ao mesmo tempo, uma escuta reverencial ao Espírito, compreendemos que o ponto de partida se dá aqui. Tudo o mais é ação derivada. Nesse sentido, a CTI desenvolveu seriamente essa intuição. Vejamos;

- a) Na história dos Sínodos, as várias assembleias eclesiais são convocadas para discernir sobre temáticas diversas à luz da Palavra de Deus e *na escuta do Espírito*³⁶;
- b) A Igreja, em processo sinodal de harmonia entre os diversos carismas e ministérios, faz o discernimento sobre os caminhos de evangelização *na escuta do Espírito*³⁷;
- c) Sobre a consulta sinodal: os membros do povo de Deus *escutam* comunitariamente o que Espírito diz por meio da Palavra, a fim de interpretar os sinais dos tempos³⁸;
- d) A sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja: faz parte dessa constituição aquelas estruturas e processos que, juntos, são direcionados e seguem *na escuta do Espírito Santo*³⁹;
- e) O povo de Deus tem uma vocação sinodal e isso garante uma circularidade entre o *sensus fidei* que permite que todos os processos se desenvolvam na fidelidade ao *depositum fidei* e *na escuta do Espírito* para a renovação da missão da Igreja⁴⁰;

³⁵ Discurso do santo Padre Francisco: comemoração do cinquentenário da instituição do sínodo dos bispos.

³⁶ CTI, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 4;

³⁷ CTI, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 53;

³⁸ CTI, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 68;

³⁹ CTI, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 70, b;

⁴⁰ CTI, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 72;

- f) O empenho pela aplicação da sinodalidade na Igreja (através do governo, das decisões, estruturas, eventos...) passa, além de outros fatores derivados, pela atenta *escuta do Espírito Santo* ⁴¹;
- g) Os Sínodos Diocesanos ou os seus correlatos no mundo oriental são a oportunidade para o encontro do povo de Deus sob presidência do Bispo para que, juntos, possam discernir os desafios pastorais e tomar decisões conjuntas na *escuta do Espírito Santo* ⁴²;
- h) Na Igreja universal: *escutando a voz do Espírito*, ela é chamada a ativar a escuta de todos os sujeitos que formam o povo de Deus “para convergir no discernimento da verdade e no caminho da missão” ⁴³;
- i) Na Igreja sinodal a escuta e o diálogo são sinais daquela *communio sanctorum* que permite, através da escuta da Palavra, a *escuta do Espírito* ⁴⁴;
- j) Por fim, o discernimento comunitário só é possível na “escuta atenta e corajosa dos ‘gemidos do Espírito’ (Rm 8,26) que abrem caminho por meio do grito, explícito ou mesmo mudo, que sobem do povo de Deus” ⁴⁵;

Nesse sentido, a escuta gera uma verdadeira “explosão missionária” ⁴⁶. Francisco descreve isso com uma imagem que advém da física: o Espírito é força *centrípeta* e *centrífuga*. É centrípeta, segundo o papa, porque “impele para o centro, porque atua dentro do coração. Infunde unidade na fragmentação, paz nas aflições, fortaleza nas tentações. (...) O Espírito dá intimidade com Deus, a força interior para avançar”. De igual forma, ao impulsionar para dentro (conforme a ideia de *escuta do Espírito*), lança também um movimento para fora, de verdadeira *saída*: “isto é, impele para o exterior. Aquele que conduz ao centro é o Mesmo que envia para a periferia, rumo a toda a periferia humana; Aquele que nos revela Deus impele-nos para os irmãos” ⁴⁷.

2.2. Da autorreferencialidade à referência de Cristo nos pobres: centralidade da missão.

A reforma eclesial é uma exigência que se dá exatamente por causa de um fenômeno contrário ao Espírito Santo que entrou nos costumes da Igreja: certo mundanismo espiritual que, dentre outras características, cultiva uma

⁴¹ CTI, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 76;

⁴² CTI, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 78;

⁴³ CTI, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 94;

⁴⁴ CTI, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 110;

⁴⁵ CTI, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 114;

⁴⁶ EG 284.

⁴⁷ FRANCISCO, Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2018;

autorreferencialidade clerical, herética (porque reacende o gnosticismo e o pelagianismo) e acomodada no conforto do poder.

Este obscuro mundanismo manifesta-se em muitas atitudes, aparentemente opostas mas com a mesma pretensão de “dominar o espaço da Igreja”. Nalguns, há um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história. Assim, a vida da Igreja transforma-se numa peça de museu ou numa possessão de poucos. Noutros, o próprio mundanismo espiritual esconde-se por detrás do fascínio de poder mostrar conquistas sociais e políticas, ou numa vanglória ligada à gestão de assuntos práticos, ou numa atração pelas dinâmicas de autoestima e de realização autorreferencial ⁴⁸

Sendo mais objetivo, o papa aponta que o fechamento ao Espírito gera esse mundanismo espiritual e que somente uma Igreja que se põe em saída é capaz de romper com essa lógica. A saída missionária, portanto, é a chave hermenêutica para se compreender a passagem da referência ensimesmada na Igreja para àquela descentrada que põe em Cristo, morto-ressuscitado, o motivo da missão. “Devemos evitá-lo [o mundanismo espiritual], pondo a Igreja em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres” ⁴⁹.

A missão que é centrada em Cristo, inclui naturalmente os pobres e está aberta a um diálogo universal ⁵⁰. “Deriva da nossa fé em Cristo, que Se fez pobre e sempre Se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade” ⁵¹. Aqui, Francisco torna universal uma intuição que antes era restrita ao magistério e à Teologia latino-americana da libertação ⁵², embora sempre estivesse presente nas narrativas evangélicas que mostram as práticas de Jesus: “No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo ‘Se fez pobre’ (2 Cor 8, 9). Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres”. E ainda:

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus “manifesta a sua misericórdia antes de

⁴⁸ EG 95;

⁴⁹ EG 97;

⁵⁰ EG 185;

⁵¹ EG 186;

⁵² Antônio Manzatto, escrevendo sobre cristologia na coleção *Teologia do papa Francisco* da editora Paulinas, diz acertadamente: “(...) efetivamente, (o papa) pensa uma Igreja em saída, porque é saindo de sua autorreferencialidade que ela pode encontrar o mundo dos pobres. Por isso, ele foi criticado e, sem ceder às críticas, lembrou aos príncipes da Igreja que seu lugar não é junto à nobreza, mas junto aos pobres, porque esse é o Evangelho de Jesus, que proclama a misericórdia de Deus” (MANZATTO, A. Jesus Cristo, p. 77).

mais” a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem “os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus” (Fl 2, 5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma *opção pelos pobres*, entendida como uma “forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja”. Como ensinava Bento XVI, esta opção “está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza”. Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles ⁵³.

Em síntese, a Reforma (pneumatológica) de Francisco busca recuperar o frescor original do Evangelho ⁵⁴, “em cujo centro está o amor de Deus pela humanidade e sua compaixão e misericórdia pelos pobres, marginalizados e sofredores” ⁵⁵. Nessa recuperação que se faz através de uma volta às fontes, a Igreja como povo de Deus é permeada pela sinergia da comunhão trinitária, onde todos caminham juntos, celebrando uma cultura do encontro, e não há sobreposição de um grupo sobre o outro. Fica nítido, pois, que o Espírito Santo conduz a Igreja para Jesus, revelado na carne dos pobres em suas múltiplas periferias, e isso acontece num movimento profundamente trinitário: “a encarnação para além de ser o único acontecimento novo que a história conhece, é também o método que a Santíssima Trindade escolheu para nos abrir a via da comunhão. A fé cristã ou é encontro com Ele vivo, ou não é” ⁵⁶.

3. À guisa de conclusão: Francisco e sua práxis pneumática.

O evento Francisco também constitui uma espécie de espiritualidade, se por esta compreendermos um *modo-de-vida* e de atuação na história, na sociedade e na própria Igreja. Mas, mais do que isso, dizemos que a espiritualidade do papa aponta para duas direções: de um lado, do hoje eclesial para o Vaticano II que é – diga-se – enquanto agenda aberta, uma volta à Trindade e à comunhão daí nascente. De outro lado, do *embaixo* dos pobres e oprimidos àquela inclusão sinodal que brota do coração do Evangelho: “vós todos sois irmãos”/ *Fratelli tutti* (Mt 23,8).

⁵³ EG 197;

⁵⁴ EG 11;

⁵⁵ AQUINO JÚNIOR, F. A Igreja de Jesus, p. 96;

⁵⁶ DD 10;

Assim, no processo de escuta do Espírito, tal modo-de-ser tem sido traduzido antes de tudo por uma busca à santidade que não é abstraída da história, como um *topos* inatingível, opressor, separatista e inumano. Antes, a valorização do tempo presente ou do primado do hoje, propõe a ruptura com a amargura do passado e as incertezas do futuro ⁵⁷ e ensina que os santos nascem na qualificação extraordinária dos compromissos ordinários ⁵⁸.

Dito de outra forma, Francisco herda de Inácio a não separação da vida ativa e contemplativa ⁵⁹. Para ele, ambas são dois momentos da vida cristã (usa a imagem do pulmão: é como se cada uma fosse um pulmão na vida da Igreja ⁶⁰) e é por isso que seus textos e falas são costurados por essa *harmonia* própria do Espírito. Nesse sentido, propõe uma espiritualidade missionária (em *Evangelii gaudium*), ecológica (em *Laudato si'*) e outra conjugal (em *Amoris laetitia*) ⁶¹.

Sobre uma espiritualidade missionária:

Pensar a missão desde um ponto de vista espiritual permite que ela não seja identificada como um apêndice da vida cristã e eclesial, uma espécie de genitivo ou de modismo pastoral, mas como uma dimensão do próprio ato de crer. Por ser a natureza da igreja ⁶², há que se “desenvolver o prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas, até chegar a descobrir que isto se torna fonte duma alegria superior. A missão é uma paixão por Jesus, e simultaneamente uma paixão pelo seu povo” ⁶³. Toda ação contrária a isso é uma forma deturpada de espiritualidade e, portanto, algo avesso ao Espírito de Deus.

Acrescenta o papa:

Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração. Estas propostas parciais e desagregadoras alcançam só pequenos grupos e não têm força de ampla

⁵⁷ FRANCISCO, Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2021;

⁵⁸ GE 17;

⁵⁹ “Trata-se, no fundo, de colher ao vivo a performática evangelizadora do ‘modo de proceder’ desenhado por Santo Inácio que se pode resumir na fórmula por ele forjada, *contemplativi in actione*, para significar o programa e o empenho de centrar e imergir em Deus, aderindo na fé em Jesus Cristo e em uma diuturna escuta do Espírito Santo, a própria existência, impregnando da sua luz e da sua força um agir na história direcionado *ad maiorem Dei gloriam*” (CODA, P. A Igreja é o Evangelho, p. 24);

⁶⁰ EG 262.

⁶¹ GE 28.

⁶² AG 2;

⁶³ EG 268;

penetração, porque mutilam o Evangelho. É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração, e alegra-me imenso que se multipliquem, em todas as instituições eclesiais, os grupos de oração, de intercessão, de leitura orante da Palavra, as adorações perpétuas da Eucaristia. Ao mesmo tempo, “há que rejeitar a tentação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação”. Há o risco de que alguns momentos de oração se tornem uma desculpa para evitar de dedicar a vida à missão, porque a privatização do estilo de vida pode levar os cristãos a refugiem-se nalguma falsa espiritualidade ⁶⁴.

Sobre uma espiritualidade ecológica:

O tema do cuidado com a casa comum ganhou centralidade no magistério de Francisco porque, justamente, compreende a complexidade e a interconexão entre todas as coisas. Pensar ecologicamente e de maneira sustentável o mundo não é diferente de propor uma espiritualidade sinodal para a Igreja. O mote da discussão é o mesmo e poderíamos dizer mais: há um fio condutor que perpassa esse mosaico simbólico de Francisco que é a capacidade do encontro, do convívio fraterno e da amabilidade: “O cuidado da natureza faz parte dum estilo de vida que implica capacidade de viver juntos e de comunhão” ⁶⁵. E ainda: “É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos” ⁶⁶.

Contra qualquer acusação de panteísmo ou naturalismo, a justificativa que está na base da presente proposta se encontra na mais límpida tradição da Igreja ⁶⁷ e na Teologia da Criação, cuja convicção primeira é a de que o Criador se manifesta na obra criada. Para seu argumento, Francisco cita os bispos do Brasil:

toda a natureza, além de manifestar Deus, é lugar da sua presença. Em cada criatura, habita o seu Espírito vivificante, que nos chama a um relacionamento com Ele. A descoberta desta presença estimula em nós o desenvolvimento das “virtudes ecológicas”. Mas, quando dizemos isto, não esqueçamos que há também uma distância infinita, pois as coisas deste mundo não possuem a plenitude de Deus. Esquecê-lo, aliás, também não faria bem às criaturas, porque não reconheceríamos o seu lugar verdadeiro e próprio, acabando por lhes exigir indevidamente aquilo

⁶⁴ EG 262;

⁶⁵ LS 228;

⁶⁶ LS 229;

⁶⁷ LS 3-12.

que, na sua pequenez, não nos podem dar ⁶⁸.

Sobre uma espiritualidade conjugal

Na Exortação *Amoris Laetitia* Francisco desenvolve uma espiritualidade do amor conjugal. De antemão, afirma: “A espiritualidade do amor familiar é feita de milhares de gestos reais e concretos”, que podem ser traduzidos na comunhão e no vínculo, cujo primeiro fundamento está naquela união entre o humano e o divino, operada na encarnação de Deus. Em suma, conclui o papa: “a espiritualidade matrimonial é uma espiritualidade do vínculo habitado pelo amor divino” ⁶⁹.

Assim,

Dado que “a pessoa humana tem uma inata e estrutural dimensão social” e “a primeira e originária expressão da dimensão social da pessoa é o casal e a família”, a espiritualidade encarna-se na comunhão familiar. Por isso, aqueles que têm desejos espirituais profundos não devem sentir que a família os afasta do crescimento na vida do Espírito, mas é um percurso de que o Senhor Se serve para os levar às alturas da união mística ⁷⁰.

Elementos constitutivos da espiritualidade de Francisco (práxis espiritual)

Na medida em que apontamos possíveis elementos que estão na base de uma espiritualidade própria de Francisco, dizemos que estes constituem também um programa eclesial e uma proposta com validade universal. De um lado, fala para a Igreja a qual *preside na caridade*. De outro lado, tem exercido uma liderança que transcende aos muros do reduto católico. Por causa disso, espiritualidade e ética se somam naquele exercício de assumir um novo paradigma civilizatório, mais humano e solidário.

Como agenda aberta, é mister retomar o programa prático-espiritual da *Evangelii Gaudium* que nos diz em primeiro lugar: “o tempo é superior ao espaço”: ou seja, “Dar prioridade ao tempo é ocupar-se *mais* com *iniciar processos do que possuir espaços*. O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos numa cadeia em constante crescimento, sem marcha atrás” ⁷¹. Depois, “a unidade prevalece sobre o conflito”, o que implica na certeza de que “O anúncio de paz não é a proclamação duma paz negociada, mas a convicção de que a unidade do Espírito harmoniza todas as diversidades. Supera qualquer

⁶⁸ LS 88;

⁶⁹ AL 315.

⁷⁰ AL 316.

⁷¹ EG 223;

conflito numa nova e promissora síntese”⁷². Em terceiro lugar, a convicção de que a “realidade é mais importante do que a ideia”. Retoma e repropõe esse princípio jesuítico, dizendo: “a realidade simplesmente é, a ideia elabora-se. Entre as duas, deve estabelecer-se um diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade. É perigoso viver no reino só da palavra, da imagem, do sofisma”. Por isso, acrescenta o papa: “a realidade é superior à ideia”⁷³. Por fim, conclui dizendo que “o todo é mais do que a parte”, isto é, “Trabalha-se no pequeno, no que está próximo, mas com uma perspectiva mais ampla”⁷⁴.

Os símbolos utilizados por Francisco para interpretar a ação do Espírito de Deus dão conta do essencial: Ele é movimento e como força dinâmica, desestabiliza criativamente a *práxis* eclesial (rompendo com o mundanismo clericalista, com uma pastoral de conservação e com uma liturgia mórbida) a fim de que todos e todas caminhem juntos, rumo à pátria definitiva para aquele “Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo” no qual todo o universo se encontrará.

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, S. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 2016. (Patrística, 7).
- AQUINO JÚNIOR, F. **A Igreja de Jesus: Missão e constituição**. São Paulo: Paulinas, 2021.
- CODA, P. **A Igreja é o Evangelho: Nas fontes da teologia do Papa Francisco**. Brasília: Edições CNBB, 2019. (A Teologia do Papa Francisco, 10).
- CODINA, V. **Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas, 2018. (Teologia do Papa Francisco).
- COMBLIN, J. **O Espírito Santo e a Libertação: O Deus que liberta seu povo**. Petrópolis: Vozes, 1987. (Teologia e Libertação, 2).
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html>. Acesso em: 13 Jan. 2023.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum: Sobre a Revelação Divina. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 20 fev. 2023.

⁷² EG 230;

⁷³ EG 231;

⁷⁴ EG 235.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Ad Gentes: Sobre a atividade missionária da Igreja. Disponível em:

<https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html>. Acesso em: 20 fev. 2023.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica Desiderio Desideravi**: Sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Brasília: CNBB, 2022.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**: Sobre a Fraternidade e a Amizade Social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Laudato Si'**: Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus / Loyola, 2015.

FRANCISCO, PP. **Discurso do santo Padre Francisco. Comemoração do cinquentenário da instituição do sínodo dos bispos**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html>. Acesso em: 13 jan. 2023.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Gaudete et exultate**: Sobre o chamado a Santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica pós-sinodal Amoris laetitia**: Sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, PP. **Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2014**. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140608_omelia-pentecoste.html>. Acesso em: 13 jan. 2023.

FRANCISCO, PP. **Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2016**. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160515_omelia-pentecoste.html>. Acesso em: 13 jan. 2023.

FRANCISCO, PP. **Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2017**. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170604_omelia-pentecoste.html>. Acesso em: 13 jan. 2023.

FRANCISCO, PP. **Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2018**. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20180520_omelia-pentecoste.html>. Acesso em: 14 jan. 2023.

FRANCISCO, PP. **Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2019**. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20190609_omelia-pentecoste.html>. Acesso em: 14 jan. 2023.

FRANCISCO, PP. **Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2019**. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200531_omelia-pentecoste.html>. Acesso em: 14 jan. 2023.

FRANCISCO, PP. **Homilia da Solenidade de Pentecostes de 2022**. Disponível em:

<<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2022/documents/20220605-omelia-pentecoste.html>>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MANZATTO, A. **Jesus Cristo**. São Paulo: Paulinas, 2019. (Teologia do Papa Francisco).

MIRANDA, M. F. **A Igreja em transformação: Razões atuais e perspectivas futuras**. São Paulo: Paulinas, 2019.

MIRANDA, M. F. **Igreja Sinodal**. São Paulo: Paulinas, 2018. (Teologia do Papa Francisco).

OLIVEIRA, P. R. F.; LIMA, D. N. O Papa Francisco na agenda do Concílio Vaticano II: por uma Igreja servidora e pobre, a serviço do Evangelho e do Reino. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 19, n. 59, p. 582-607, mai./ago. 2021.

Pedro I. Leite

Doutorando em Ciências da Religião pela UNICAP

Docente de Teologia na UNICAP

Olinda-PE / Brasil

padrepedroigor@gmail.com

Recebido em: 15/04/2023

Aprovado em: 05/06/2023